



**A CIÊNCIA, O SENSO COMUM E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES AO  
CONHECIMENTO**

Deivide Garcia da Silva Oliveira  
Universidade Federal da Bahia-UFBA  
Mestrando em Ensino, Filosofia e História das Ciências  
deividegso@gmail.com



# A Ciência, o Senso Comum e as suas Contribuições ao Conhecimento<sup>1</sup>

Deivide Garcia da Silva Oliveira<sup>2</sup>

## Resumo

Este trabalho tem como objeto de estudo a contribuição epistemológica para uma análise dos formatos que dois tipos de culturas de conhecimento pode oferecer. Estas culturas, neste caso, são: a científica e a comum ou popular. Esta análise é guiada por uma proximidade com a perspectiva filosófica feyerabendiana. Porém, como é possível notar, não há uma ação de desvalorização da ciência, tal como normalmente se costuma atribuir à filosofia de Feyerabend.

**Palavras-chave:** Filosofia, Ciência, método, valorização e desvalorização.

## 1. Introdução

Pensar em ciência, em senso comum e na relação que ocorre diariamente entre estas duas formas de saber num contexto epistemológico é uma análise que poderia ser feita sob diversas perspectivas. Porém, se quisermos fazê-la de modo que esta análise possa contribuir para fornecer uma concepção menos inadequada sobre a imagem da natureza da ciência e conseqüentemente possamos sair de uma concepção parcial ou errônea da área e venhamos conseguir uma tomada de consciência ampliada sob o que não apenas a ciência é, mas também como o senso comum contribui e se insere no debate do conhecimento, então, parece ser necessário a esta atitude realizar uma reflexão histórico-filosófica acerca não simplesmente do que é ciência hoje, mas, fundamentalmente, entender a origem, o processo e os produtos do conhecimento humano como um todo.

Para isso, tentaremos recolocar à ciência sua estima devida, evitando para ela uma visão de super eficiência, ao passo que tratamos o senso comum como algo que também possui o seu valor e lugar no *hall* do conhecimento. Isto é, em síntese, simplesmente valorizar o senso comum sem menosprezá-lo e valorizar a ciência, sem superestimá-la. Tal coisa corresponderia, em termos feyerabendianos, a evitar uma ciência absolutista e um atropelo étnico-cultural, proporcionando um respeito a um determinado povo e sua forma de saber.

Por um lado, ultimamente o conhecimento humano tem se desenvolvido de forma significativa, especificamente, o conhecimento científico “avança” a cada dia e de certo modo *determina* (e também é *determinado* por) nossa sociedade. Entretanto, nem sempre foi assim.

Há muito tempo o conhecimento predominante era somente aquele proveniente dos meios populares, pois não havia um conhecimento científico, visto que a princípio o conhecimento não era dividido, existia apenas um tipo de saber. Na Grécia antiga, por exemplo, ele começou a se separar apenas quando os mitos já não “satisfaziam” mais as necessidades de explicação dos fenômenos ocorridos no mundo. Dito de outro modo, a produção de conhecimento estava diretamente ligada com necessidades do cotidiano.

Por diversos motivos passamos, então, a buscar um pensamento mais crítico, principalmente a respeito de todas as coisas que nos afetam diariamente, mesmo que, por vezes, esta busca envolvesse coisas que por gerações foram tidas como verdadeiras. Entre as conseqüências essa nossa busca, uma delas fez com que o conhecimento fosse, na medida em que “progredimos”, dividido em dois, a saber, o senso comum e o de não-senso comum<sup>3</sup>. Entre outros, disse Rubem Alves: “A ciência não é uma forma de conhecimento diferente do senso

comum. Não é um novo órgão. Mas, apenas uma especialização de certos órgãos e um controle disciplinado de seu uso” (ALVES 2003, 14).

Por isso, a ciência e o senso comum estão ligados inicialmente por algum ponto quanto à base de seus conhecimentos, mas, afastam-se em seguida, quando a ciência se especializa. De outro lado e por sua vez, quando comparado com o científico, o saber popular “perde” todo o valor que possui, seja diante dos olhos do povo ou ainda de muitos universitários. Talvez isso se deva ao caráter quase mítico da imagem da ciência e conseqüentemente à grande autoridade dos cientistas (numa torre de marfim), também adquirida através dessa imagem. Infelizmente, não só adquirida, como reforçada diversas vezes:

Veja as imagens da ciência e dos cientistas na televisão. [...] elas são eficientes para desencadear decisões e comportamentos. [...] cientista tem autoridade, sabe sobre o que está falando e os outros devem ouvi-lo e obedecer-lhe. [...] O cientista virou um mito. E todo mito é perigoso, por que induz o comportamento e inibe o pensamento (ALVEZ 2003, 9-10).

Outra explicação para a desvalorização excessiva do senso comum é sua metodologia. Contudo, não podemos esquecer que, por séculos, o senso comum serviu aos fins das necessidades mais cotidianas, mesmo que de modo indutivista-ingênuo. Porém, muitas vezes eficaz.

A super valorização de um e a super desvalorização do outro se tornaram socialmente quase que inversamente proporcionais nos dias de hoje e, ainda, as concepções sobre a extrema inconfiabilidade do senso comum e de que o conhecimento científico proporciona certezas firmes e ínfima falibilidade tanto em seus resultados quanto em seus processos, povoa a mente de inúmeras pessoas. Conceitualmente, esta perspectiva de ver a ciência tem um nome: cientificismo.

Não obstante, é preciso assinalar que não há aqui um intento singular de desvalorizar a ciência e nem supervalorizar o senso comum, o que se está tentando apontar como principal objetivo é simplesmente a necessidade de um pensamento crítico, onde se possa repensar os valores atribuídos tanto em relação à ciência (vista como o verdadeiro conhecimento) quanto com relação ao senso comum (visto normalmente como o conhecimento desde sempre falso).

## **2. Caminhos e Objetivos**

Para isso, também é preciso perguntar acerca dos motivos para valorizar o senso comum, já que ele é considerado, em geral, supersticioso, sem base e quase sempre sem nenhuma lógica. Não obstante, poderíamos nos perguntar se a ciência merece todo esse crédito, já que quando

olhamos para o passado da ciência vemos afirmações do tipo: “O Sol gira em torno da Terra” ou “tempo e espaço são separados”<sup>4</sup>.

Quanto ao senso comum, lembremos que ele divulga através dos provérbios que circulam entre nós, uma série de hipóteses que tentam prever fenômenos naturais ou explicar comportamentos psicológicos ou biológicos. Assim, até que ponto é possível acreditar nessas hipóteses?

Por meio de suas formas de generalizações, percebe-se que o fundamento do senso comum são as observações das evidências e experiências diárias somadas, tal como acontece *de certa maneira* nas ciências em geral, porém, a ciência tem em vista a necessidade de ir além da experiência, para se buscar uma compreensão e uma teorização acerca de suas experimentações, num trabalho contínuo de investigação e reformulação dos seus processos e resultados.

Obviamente, isto acaba por dar às conclusões científicas (momentâneas) um certo *sucesso* à contribuição do conhecimento humano. Porém, a ciência deve ser vista como um constante processo e não como um aglomerado de resultados.

Já o senso comum, apesar da ciência ter rompido com ele para poder refinar-se, reserva para si o fato de que foi, e por vezes ainda é, ponto de partida para diversas pesquisas científicas. Naturalmente, o chamado conhecimento comum, está distante da ciência, mas, não raramente a ciência ainda se alimenta das assertivas e experiências que o senso comum, por meio do empirismo-indutivista ingênuo, acumulou mesmo com uma fundamentação ontológica rústica. Para tentar expor tal situação abordarei um modelo.

*Cientistas de muitos países vão a florestas coletar plantas e ervas para experiências. Numa floresta como a Amazônia, existem incontáveis tipos de plantas, ervas e raízes que possuem propriedades medicinais desconhecidas por qualquer homem da cidade. Entretanto, para ir atrás da planta com a substância desejada, os cientistas recorrem frequentemente aos nativos da região, que através de seus saberes acumulados por gerações de modo empírico-indutivo ingênuo, indicam aos cientistas aonde ir, o que coletar, quando e como.*

Uma outra situação que também ocorre muitas vezes na relação da ciência e do senso comum quanto ao conhecimento, realiza-se quando um certo ditado popular tem ampla força entre as pessoas e, por vezes, algum pesquisador se interessa pela compatibilidade deste ditado com a realidade. Ele então se imbrica numa pesquisa sobre este ditado para tentar verificar até que ponto este ditado é “verdadeiro”.

Em diversas situações, a ciência já conseguiu não apenas obter boas pesquisas ao partir de ditados populares, como também, já serviu para verificar uma certa compatibilidade com algum ditado popular<sup>5</sup>.

Naturalmente, os exemplos acima podem facilmente nos fazer repensar (objetivo primordial deste texto) sobre posicionamentos científicistas e com isso, o fato de que não só não

devemos desdenhar do senso comum, como devemos atribuir-lhe o devido valor, que apesar de não ser mais confiável, simples, plausível, lógico e etc., que a ciência e nem ser a melhor (esse juízo de valor é meramente retórico) fonte para a obtenção de crenças justificadas, ainda sim não deixa de ser, mesmo que por vezes, uma fonte de instigação para pesquisas científicas.

### 3. Conclusão

Portanto, é notório o fato de que há uma relação entre estes dois tipos de saber e apesar das peculiaridades do conhecimento popular e do científico, é bom não esquecer que ambos os conhecimentos possuem características próprias e originalmente até similares. E exceto na religião, a certeza não é uma realidade que pertença à ciência ou a qualquer saber que o elemento humano esteja presente. Logo, ridicularizar o senso comum ou fazer o extremo inverso com a ciência é cometer um erro, já que para dar contribuições ao conhecimento do homem, devemos sempre que possível e com as devidas proporções, nos resguardar de extremos.

Deste modo, devemos tratar as ciências não como algo exato ou mecânico (nos departamentos acadêmicos deveria aparecer centro das ciências aproximadas e não exatas), mas como uma área que pertence e que é fundamentalmente controlada e desenvolvida por seres tão humanos quanto falhos, tal como a ciência o é, simplesmente humana (OLIVEIRA 2008, 74).

### Notas

---

<sup>1</sup> Apesar do termo senso comum trazer uma noção ambígua quase que inerente ao seu sentido, entenda-se por senso comum neste caso, a idéia de um julgamento médio adaptado à vida prática e social que se deve tanto ao hábito quanto à opinião e às convenções. Cf. PATY, Michel. *A Ciência e as Idas e Voltas do Senso Comum*. Revista Scientiæ Studia, V 1, n 1, p. 10-12, 2003.

<sup>2</sup> Mestrando em filosofia da ciência pelo programa de pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências-UFBA. Membro dos grupos: (GE2C-UFS /NEF-UEFS). Pesquisador-Bolsista Capes-Reuni. E-mail: [deividegso@gmail.com](mailto:deividegso@gmail.com). Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elyana Barbosa & Júlio Vasconcelos.

<sup>3</sup> O conhecimento filosófico ou científico, em diversas ocasiões chegava mesmo a contradizer o que afirmava o senso comum. Como exemplo, a afirmação do movimento do Sol ocorrido na contenda astronômica do séc XVII.

<sup>4</sup> A quem interessar possa, há um bom livro sobre as quedas da ciência. Cf. TROCCHIO, Di Federico. *Las mentiras de la ciencia*. Trad: Constanza Meyer. Madrid: Alianza, 1998.

<sup>5</sup> Exemplo: tem um ditado que diz: “névoa baixa, Sol que racha”. A climatologia já verificou que a névoa ocorre geralmente no final de inverno e começo de verão. Este fenômeno, conhecido como cerração, acontece quando a névoa fica a baixa altitude pela manhã, provocando calor pela tarde.

---

## Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- ANDRADE MARTINS, Roberto. *sobre o papel dos 'desiderata' na ciência*, Tesis de doutorado, UNICAMP: Campinas, 1986.
- BACON, Francis. *Novum organum*. 2º ed., São Paulo: Abril cultural, 1979.
- BARKER, S.F., 1957, *Induction and hypotesis*. Cornell University Press, N.Y.
- CHALMERS, Alan. *O que é ciência afinal?* Trad: Raul Fiker. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- FEYERABEND, Paul. *Contra o método*, 3º ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O que é o método científico*. São Paulo: Pioneira, 1989.
- OLIVEIRA, Deivide . *A Insegurança da Ciência: A indução como Método Científico*. Caderno de Cultura do Estudante/UFS, São Cristóvão-Se, v.06, n.07, p. 69-75, 2008.
- PATY, Michel. *A Ciência e as Idas e Voltas do Senso Comum*. Revista Scientlae Studia, V. 01, n. 01, p. 09-26, 2003.
- TROCCHIO, Di Federico. *Las mentiras de la ciencia*. Trad: Constanza Meyer. Madrid: Alianza, 1998, Cap I.
- KANTOROVICH, Aharon, 1993, *Scientific discovery: logic and tinkering*, State University of New York Press, Albany.
- KEPLER, Johannes, [1609], *New astronomy*, Cambridge University Press, Cambridge, 1992.
- KUHN, Thomas, [1973], «*Objetividad, juicios de valor y elección de teoría*», en Kuhn [1977], 344-64.
- KNEALE, William, [1949], *Probability and induction*, Clarendon Press, Oxford, 1952.
- LACEY, Hugh, 1998, *Valores e atividade científica*, Discurso, SP.
- MENNA, Sergio, 2001, «*La abducción y la inferencia a la mejor explicación*», en Caracciolo et al. (eds.) 2001, *Epistemología e historia de la ciencia VII*, Córdoba, 329-36.
- MENNA, Sergio, 2003a, *Metodologías y contextos*, FFyH/ UNC, Córdoba.
- RUSSELL, Bertrand. *Os problemas da filosofia*. Trad: Jaimir Conte. Oxford: Oxford University Press. 2001.